

# A «Ave Maria» e o seu valor cultural nos autores da baixa idade média

O nosso estudo tem um ponto de referência claro e concreto no que se refere ao termo do processo evolutivo que fez desta oração a oração mariana por antonomásia. Pensamos no catecismo chamado de S. Pio V, publicado pela primeira vez no ano de 1566<sup>1</sup>, e portanto, fora do enquadramento cronológico fixado para este trabalho; mas é um escrito que culmina, a nosso entender, um processo doutrinal ao longo de todo o período formando com ele um corpo e uma unidade. O outro ponto de referência, isto é, o inicial, é muito mais problemático e difuso. Como é sabido as duas partes de que consta esta oração apareceram em épocas distintas e seguiram uma evolução diversa até à sua conjugação na fórmula actual, que se produz para toda a Igreja em tempos do mencionado pontífice<sup>2</sup>.

A primeira parte, a *Ave Maria*, consta fundamentalmente das saudações do Anjo e de Santa Isabel à Santíssima Virgem<sup>3</sup>. O seu uso *litúrgico* comprovava-se no Oriente pelo século VI, pois inclui-se no Ritual do Baptismo de Severo

---

<sup>2</sup> Edição princeps: *Catechismus ex Decreto Concilii Tridentini ad parochos*, Roma 1556. Cfr. P. MARTIN HERNANDEZ, *Catecismo Romano*, Madrid 1956. O texto que estudaremos encontra-se na Parte IV, cap. V, par. 8.

<sup>3</sup> Foi aprovada para o Breviário em 1568 e para a Igreja Universal só por meados do século XVII (Cfr. Mario RIGUETTI, *Historia de la liturgia*, t. I, BAC 132, Madrid pp. 202-203). É certo, contudo, que a união da saudação do Anjo, a de Santa Isabel e uma petição a Santa Maria, formando um núcleo embrionário da actual oração, é muito antiga, pois aparece testemunhada nas liturgias gregas de Santiago e de S. Marcos. O uso extralitúrgico popular de formulações análogas comprova-se também em dois *ostraka* gregos pertencentes aos séculos VI-VII (Cfr. VÁRIOS, *La Palabra de Cristo*, t. X, BAC 183, Madrid 1959, p. 166).

<sup>3</sup> A primeira vez que aparece testemunhada a saudação do Anjo dirigida à Santíssima Virgem é uma homília de Teodoro de Ancira morto antes de 446. Cfr. Mario RIGUETTI, l.c., e VÁRIOS, o.c., pp. 479-480.

de Antioquia, e nas liturgias de Jerusalém, Copta e de Constantinopla<sup>4</sup>, enquanto que no Ocidente é o Papa S. Gregório Magno quem na parte final desse mesmo século o introduz na liturgia como texto do ofertório da Missa do quarto domingo de Advento<sup>5</sup>: o que demonstra com certa probabilidade uma utilização algo anterior a esta época. A adição das palavras «Maria» e «Jesus», que pretendem determinar melhor as pessoas, deve ter-se realizado também por esta época, embora a palavra «Jesus» não apareça no Oriente até ao século VII na liturgia Copta, e no Ocidente até S. Amadeu de Lausana por meados do século XII<sup>6</sup>.

A difusão desta primeira parte da Ave Maria como devoção *popular* é difícil de situar cronologicamente. Na segunda metade do século XI S. Pedro Damiano recomenda a sua recitação e divulga-se o seu uso entre as famílias monásticas, mas é no século seguinte que os bispos prescrevem a sua recitação equiparando-a com o Pai Nosso e o Credo<sup>7</sup>. Pode afirmar-se que no século XIII, por influência da literatura ascética (que estudaremos em parte) e por impulso das Ordens Religiosas<sup>8</sup>, o seu uso popular se generalizou.

A segunda parte da Ave Maria, embora não seja mais que uma invocação mariana algo ampliada, parece de criação mais moderna. Apareceu por primeira vez num breviário cartuxo do século XIII embora com algumas variantes e modificações<sup>9</sup>. O catecismo espanhol de frei Hernando de Talavera do século XV não fala dela, mas sim o de S. Pio V — como já assinalámos — embora não mencione a fórmula exacta desta oração.

Dentro deste enquadramento cronológico, algo ou muito impreciso, mas dentro do qual se produziu o facto certo da difusão da Ave Maria — pelo menos no que se refere à sua primeira parte — estudamos o testemunho literário de

<sup>4</sup> Cfr. J. FERNANDEZ DE LA CUESTA, GER III (Madrid 1971) pp. 482-483.

<sup>5</sup> Cfr. também a *Vita sancti Ildefonsi*, atribuída a S. Julião de Toledo (veja-se J. FERNANDEZ, GER III, p. 482).

<sup>6</sup> Alguns atribuem ao papa Urbano XI (1261-1264) a adição de «Jesus» ou «Jesus Cristo Amen», mas sem provas suficientes (cfr. Mario RIGUETTI, *l.c.*).

<sup>7</sup> Assim vários sínodos de França, Itália e Inglaterra recomendam esta fórmula de oração mariana. A prescrição mais antiga conhecida é a do arcebispo de Paris, Odón de Soliac, num concílio celebrado em 1196: «Exhortentur populum semper presbyteri ad dicendum orationem dominicam et Credo in Deum et *salutationem B. Virginis* (cfr. M. RIGUETTI, *l.c.*).

<sup>8</sup> Neste século os Cistercienses obrigam a rezar a saudação angélica como sufrágio e os Pregadores popularizam a recitação do santo rosário (cfr. J. FERNANDEZ, GER III, 482).

<sup>9</sup> Também nas orações dos Servos de Maria de Florença nesta mesma época (cfr. VARIOS, *o.c.*, p. 480).

uns autores suficientemente representativos, tratando de ver neles a sua doutrina acerca do culto à Santíssima Virgem, mas isto só em função do acto concreto de culto mariano que representa a saudação angélica.

## I. ESCOLAS MONÁSTICAS DOS SÉCULOS XI-XII

### 1. Santo Anselmo de Bec-Cantorbery (1033-1109)

O maior filósofo e pensador cristão do seu século oferece-nos uma visão sistemática da Teologia elaborada desde a perspectiva da «Fides quaerens intellectum». Sendo o marco mais importante entre Santo Agostinho e S. Tomás, adquire com a sua especulação teológica o título de pai da Escolástica. Dentro do sistema doutrinal de Santo Anselmo, a Mariologia não ocupa um posto muito relevante, mas contém elementos verdadeiramente valiosos. Além de alguns parágrafos de alcance mariológico nos seus escritos *Cur Deus homo* e *De conceptu virginali et originali peccato*, conservam-se várias orações a Maria. Não toca conceitualmente o tema do culto mariano, mas nestas orações orienta toda uma série de atitudes culturais para a Santíssima Virgem. Concretamente nas orações 5, 6 e 7 cremos ver uma glosa e amplificação notável da segunda parte da Ave Maria. Oferecemos em seguida os textos pertinentes, sublinhando por nossa conta os elementos explícitos ou implícitos (neste caso, entre parêntesis) da oração «Santa Maria».

#### *Oratio 5, ad sanctam Mariam cum meus gravatur torpore*<sup>10</sup>

*Sancta... simpliciter Santa Maria... Mater admirabilis virginitatis... [Dei] quae Filium Altissimi genuisti... Salvatorem peperisti. [Ora] (acumula títulos de intercessão) domina... certum est non minori praeditam esse potentia et pietate ...templum pietatis et misericordiae... [pro nobis peccatoribus] tibi sese conatur praesentare miserabilis anima mea, morbis vitiorum languida, vulneribus facinorum scissa, ulceribus flagitiorum putrida.*

[*Ora*] (modos de súplica) tibi nititur quantum moribunda valet supplicare.

[*Nunc*] (destaca enfaticamente a situação *actual* de pecador mediante anáforas:

---

<sup>10</sup> Cfr. Julián ALAMEDA, *Obras completas de san Anselmo*, t. II, BAC 100, Madrid 1953, pp. 304-306.

— Sic enim, pia Dominica, alienata est a se innanitate stuporis, ut vix sensum habeat enormis languoris.

— Sic sordibus et foetore faedatur, ut timeat ne ab ipsa misericors vultus avertatur.

— Sic salvescit desperando respectus tui conversionem, ut etiam os obmutescat ad orationem.

(Debate-se com a tentação do desespero):

— Peccata mea... si obruistis ei [i.e. animae meae] spem exauditionis vestra mole<sup>11</sup>.

*Oratio 6, ad sanctam Mariam cum meus est sollicita timore*<sup>12</sup>

[Nunc et *in hora mortis* nostrae] videns enim me, Domina, ante districti Iudicis omnipotentem iustitiam, et considerans irae eius intolerabilem vehementiam... Unde securius velocem in necessitate subventionem sperabo, quam unde mundo processisse propitiationem scio?

*Oratio 7, ad sanctam Mariam pro impetrando eius et christi amore*<sup>13</sup>

[Nunc et *in hora mortis* nostrae] Ergo Domina... fac ut peccatorum meorum mihi venia, et bene vivendi gratia concedatur, et usque in finem hic servus tuus sub tua protectione custodiatur<sup>14</sup>.

[Mater Dei] Deus noster est factus per Mariam frater noster, qua igitur certitudine debemus sperare...<sup>15</sup>.

[*Ora pro nobis*] Bona mater oret et exoret pro nobis... Ipsa roget Filium pro filiis, Unigenitum pro adoptatis, Dominum pro servis<sup>16</sup>.

## 2. S. Bernardo de Claraval (1090-1153)

No chamado «último Padre da Igreja» vemos um claro expoente do tratamento da Sagrada Escritura à maneira dos Santos Padres. Dentro do esquema doutrinal de S. Bernardo a Mariologia representa um papel primordial. O «cita-

<sup>11</sup> Cfr. «Emitimini... ut eius benignitatem deprecemini, cuius patrocinio *cotidie* indigetis»: *Oratio 7, ad sanctam Mariam pro impetrando eius et Christi amore*, o.c., p. 312).

<sup>12</sup> Cfr. o.c., pp. 306-312.

<sup>13</sup> Cfr. o.c., pp. 312-324.

<sup>14</sup> O.c., pp. 315-316.

<sup>15</sup> O.c., p. 322.

<sup>16</sup> O.c., p. 322.

rista de Maria» ocupa-se do culto e da devoção à Santíssima Virgem, distinguindo-se nos seus escritos um tríplice culto: de veneração, de invocação e de imitação<sup>17</sup>. No que se refere ao tema do nosso trabalho recolhemos duas passagens dos seus escritos.

Na primeira, ao fazer um comentário à saudação angélica, descrevendo-a como oração de contemplação, afirma: «*Bendita és tu entre as mulheres. Quero juntar a isto o que acrescentou Santa Isabel a estas mesmas palavras ao dizer: E bendito é o fruto do teu ventre...*»<sup>18</sup>. E um pouco mais adiante acrescenta: «...mas ainda na terra és igualmente abençoada pelo anjo, e, com razão, és chamada por todas as gerações da terra bem-aventurada. *Portanto, és bendita entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre, Jesus*»<sup>19</sup>. Segundo parece, teríamos aqui o primeiro testemunho da união da saudação do anjo à saudação de Santa Isabel, além do acrescentamento do termo «Jesus», na oração mariana que estamos a estudar<sup>20</sup>.

Mas além deste é conveniente assinalar o seguinte texto extraído do mesmo comentário: «Não há dúvida de que quanto proferimos nos louvores à Virgem Mãe pertence ao Filho; e que igualmente quando honramos o Filho não nos separamos da glória da Mãe... Eu, por isso, *não a louvo*, porque não me atrevo, mas *repito com devoção* o que o Espírito Santo já explicou pela boca do Evangelista»<sup>21</sup>.

A segunda passagem é tirada dum sermão «Sobre o caminho dos ímpios e o caminho do Senhor». Diz assim: «Bem-aventurado o varão que não segue o conselho dos ímpios (Ps. 1,50). São piedosos os que crêem em Deus e o adoram. Piedade é culto de Deus»<sup>22</sup>. Este culto consiste em três coisas: na fé,

<sup>17</sup> *Culto de veneração*: Deus o quis (Sermão no Nascimento de Maria, 7); Mãe Virgem de Deus (Homilia I, sobre o *Missus est*, 9); medianeira (Sermão 2 na festa de Pentecostes; tem títulos (Carta 174,2). *Culto de invocação*: Com confiança, todos os benefícios (Sermão 4 na Assunção de Maria, 9), em tentações e perigos (Homilia 2, sobre o *Missus est*, 17); não lhe falta nem o poder nem a vontade de socorrer-nos (Sermão 1 na Assunção de Maria, 2); lancemo-nos nos seus braços (Sermão do domingo infr. Assunção, 5); apresentar a Deus súplicas através dela (Homilia 2 sobre o *Missus est*, 17). *Culto de imitação*: para melhor obter a sua protecção (Homilia 2 sobre o *Missus est*, 17); Ela, espelho de virtudes para todos os homens (Homilia I sobre o *Missus est*, 9). Assim segundo a síntese de Gr. DIEZ RAMOS, *Obras completas de San Bernardo*, t. 1, BAC 110, Madrid 1953, p. 76.

<sup>18</sup> *Homilia 3, sobre o «Missus est»*: PL 783, 71-78; edic. DIEZ RAMOS, *o.c.*, p. 209.

<sup>19</sup> Edic. DIEZ RAMOS, *o.c.*, p. 212.

<sup>20</sup> Cfr. J. FERNANDEZ, GER III, 482.

<sup>21</sup> *Homilia 4, sobre o «Missus est»*: PL 183, 78ss.; edic. DIEZ RAMOS, *o.c.*, pp. 216-217.

<sup>22</sup> Cfr. Job 20, segundo a versão dos Setenta.

na esperança, na caridade, as quais são invisíveis. Destas três carecem os ímpios, que não o adoram, e cuja intenção é antepor as coisas visíveis às invisíveis, as terrenas às celestiais. Cabeça e príncipe destes é o diabo, o primeiro que se separou da piedade»<sup>23</sup>.

Deduz-se de tudo isto que para S. Bernardo a Avé Maria: 1) é um culto de *louvor* (bendita és, bendito é o fruto, abençoada pelo anjo, és chamada bem-aventurada, não a louvo... mas repito com devoção...); 2) culto que vai dirigido a *Maria-Mãe* de Deus (bendita tu, etc.); 3) culto que redundava *em Deus* (quanto proferimos nos louvores da Virgem Mãe pertence ao Filho); 4) culto que está dirigido também ao Filho (bendito é o fruto do teu ventre Jesus) 5) culto que redundava na Mãe (quando honramos o Filho não nos separamos da glória da Mãe); 6) culto que tem a sua origem em Deus, e se atribui ao Espírito Santo (repito com devoção o que já explicou pela boca do Evangelista o Espírito Santo); 7) culto que ao ser culto a Deus, é verdadeira piedade (piedade é culto de Deus); culto que implica fé, esperança e caridade; 9) não se clarifica, no entanto, a classificação de culto, *dulia*, *hiperdulia*, *latria*).

## II. UNIVERSIDADE DE PARIS

### 1. S. Tomás de Aquino (1225-1274)

Os professores dominicanos do estudo de Saint Jacques tinham contemplado algo tangencialmente os aspectos mariológicos da teologia<sup>24</sup>. S. Tomás, sem chegar a oferecer uma síntese plena, fornece elementos válidos para chegar a esse objectivo. Em relação com o tema que nos ocupa interessa-nos

<sup>23</sup> *Sermão* 72: PL 183, 692; Edic. DIEZ RAMOS, *o.c.* 1096.

<sup>24</sup> Admitido que a síntese insuficiente «*Mariale super missus est*» não é de Santo Alberto Magno, como até há pouco se tinha crido, o Doutor Filósofo oferece alguns elementos mariológicos dispersos; por exemplo na sua «*Postilla super Isaiam*», cap. XI, 1 (Et egredietur virga de radice Iesse) podem ler-se estas afirmações: *virgo beata omnis gratiae ministravit exhibitionem*» (*Opera omnia*, t. 19, p. 163, 17) (talvez nesta ideia, mal entendida, se quisesse ver a base de identificação com o princípio reitor da aludida síntese, que consiste na plenitude de graça entendida como implicação de todos os tipos de graças, incluídos os da penitência e os simples conhecimentos humanos; «*mutationem curvi in rectum filius facit ut causa, et mater sicut exemplar et per intercessionem* (ibid. p. 165, 4); «*rectitudo Christi nos redemit et rectitudo matris nos defendit*» (ibid. p. 165, 39); «*percutit (ad correctionem) nos disciplina Christi ex comparatione et disciplina beatae Virginis ex intercessione*» (ibid 165, 45). No tratado *De natura boni*, Tract. II, pars III,

desde um duplo ponto de vista. Em primeiro lugar pela sua pontualização sobre o conceito de culto e em segundo lugar pelo seu comentário à saudação angélica.

Em relação ao primeiro ponto, S. Tomás distingue claramente entre o *culto a Deus*, que faz parte da virtude da *religião*, e o culto aos santos, incluída a Santíssima Virgem, que se enquadra, na virtude da observância<sup>25</sup>. A virtude da Religião, pela qual tributamos a Deus o culto divino<sup>26</sup>, enquanto que nos

cap. 2 (2) II, 3, afirma: «Ex hoc enim accipit munditiae suae consecrationem ut replum, ut domus, ut tabernaculum, ut lectus, ut mater... Unde et ipsa triclinium est, in quo celebrantur nuptiae... Nuptiae enim hae sunt coniunctio sponsi et sponsae, hoc est nostrae naturae et divinae et Christi et ecclesiae, triclinium autem beatae virginis uterus, totius trinitatis ad habitandum domus et fabrica...» (*Opera omnia*, T. XXV, 1).

<sup>25</sup> Eis o esquema da divisão conceptual que faz S. Tomás das partes potenciais da justiça, onde se comprova a clara distinção entre a dívida rigorosa, mas desigual, em relação a Deus (regulada pela virtude da RELIGIÃO) e em relação aos homens, quer se trate dos pais (virtude da PIEDADE) ou dos superiores, revestindo neste último caso as possibilidades de DULIA, OBEDIÊNCIA ou DESOBEDIÊNCIA

PARTES POTENCIAIS DA JUSTIÇA	particular	Dívida rigorosa mas desigual	com Deus: RELIGIÃO	com os homens	— Pais: PIEDADE (101)	— Superiores: OBSERVÂNCIA	Em si (102)	Em partes	— DULIA (103)	— OBEDIÊNCIA (104)	— DESOBEDIÊNCIA (105)
	Premente	— Por parte do credor	— VERACIDADE (109)	— MENTIRA (110)	— SIMULAÇÃO — HIPOCRISIA (111)	— JACTÂNCIA (112)	— IRONIA (113)				
								Não premente	— Por parte do devedor	— AFABILIDADE (114)	— ADULAÇÃO (115)
	Legal = EPIQUEIA (120)	— Dando-se a si	— Dando o seu								

<sup>26</sup> Quae Deo debitum cultum affert (2-2, q. 81, a. 2,4).

damos a Deus, concretiza-se na Devoção<sup>27</sup>, Oração<sup>28</sup> e Adoração<sup>29</sup>. Uma vez que a honra é a reverência tributada a alguém em razão da sua excelência<sup>30</sup>, a Deus, primeiro princípio de tudo, deve-se-lhe uma honra especial e uma razão especial de culto<sup>31</sup>.

<sup>27</sup> Devotio nihil videtur quam voluntas quaedam promptly tradenti se ad ea quae pertinent ad Dei famulatum (2-2, q. 82, a. 1). A causa extrínseca da devoção é Deus, a intrínseca é a contemplação (ibid. a. 2).

<sup>28</sup> S. Tomás entende-a como súplica e petição (2-2, q. 83 a. 1). Requerem-se três condições: aproximar-se de algum modo a Deus, pedir algo, e alguma razão para alcançar o que se pede (2-2, q. 83, a. 17).

<sup>29</sup> Ordinatur in reverentiam eius qui adoratur (2-2, q. 84, a. 1). A adoração pode ser espiritual, quae consistit in interiori mentis devotione; e corporal, quae consistit in exteriori corporis humiliatione... ut videlicet per signa humilitatis quae corporaliter exhibemus, excitetur noster affectus ad subiiciendum se Deo... (ibid.). Oferecemos em seguida o esquema da virtude de Religião, conforme aparece distribuída na Suma, 2-2:

<i>A virtude da Religião</i> (9. 81)	{	.Quae Deo debitum cultum affert (a. 2,4) .Objecto da Religião: culto; objecto do culto: Deus (a. 5 ad 2)																								
<i>Actos da Religião</i>	{	<table style="border-collapse: collapse; margin-left: 20px;"> <tr> <td style="vertical-align: middle; padding-right: 10px;">— com que nos damos a Deus</td> <td style="font-size: 2em; vertical-align: middle; padding-right: 10px;">{</td> <td style="vertical-align: middle;">           — quanto à vontade: DEVOÇÃO (q. 82)            — quanto ao entendimento: ORAÇÃO (q. 83)            — quanto ao corpo: ADORAÇÃO (q. 84)         </td> </tr> <tr> <td style="vertical-align: middle; padding-right: 10px;">— Com que damos o nosso</td> <td style="font-size: 2em; vertical-align: middle; padding-right: 10px;">{</td> <td style="vertical-align: middle;"> <table style="border-collapse: collapse; margin-left: 20px;"> <tr> <td style="vertical-align: middle; padding-right: 10px;">— a Deus</td> <td style="font-size: 2em; vertical-align: middle; padding-right: 10px;">}</td> <td style="vertical-align: middle;">           — com imutação: SACRIFÍCIO (q. 85)            — sem imutação: OFERENDA e primícias (q. 86)         </td> </tr> <tr> <td style="vertical-align: middle; padding-right: 10px;">— a ministros:</td> <td style="font-size: 2em; vertical-align: middle; padding-right: 10px;">{</td> <td style="vertical-align: middle;">DÍZIMOS (q. 87)</td> </tr> </table> </td> </tr> <tr> <td style="vertical-align: middle; padding-right: 10px;">— Com que prometemos a Deus</td> <td style="font-size: 2em; vertical-align: middle; padding-right: 10px;">{</td> <td style="vertical-align: middle;">— VOTO (q. 88)</td> </tr> <tr> <td style="vertical-align: middle; padding-right: 10px;">— Com que tomamos o nome de Deus</td> <td style="font-size: 2em; vertical-align: middle; padding-right: 10px;">{</td> <td style="vertical-align: middle;"> <table style="border-collapse: collapse; margin-left: 20px;"> <tr> <td style="vertical-align: middle; padding-right: 10px;">— em apoio</td> <td style="font-size: 2em; vertical-align: middle; padding-right: 10px;">{</td> <td style="vertical-align: middle;">           — do que dizemos: JURAMENTO (q. 89)            — do que pretendemos: IMPRECAÇÃO (q. 90)         </td> </tr> <tr> <td style="vertical-align: middle; padding-right: 10px;">em louvor:</td> <td style="font-size: 2em; vertical-align: middle; padding-right: 10px;">{</td> <td style="vertical-align: middle;">LOUVOR (q. 91)</td> </tr> </table> </td> </tr> </table>	— com que nos damos a Deus	{	— quanto à vontade: DEVOÇÃO (q. 82) — quanto ao entendimento: ORAÇÃO (q. 83) — quanto ao corpo: ADORAÇÃO (q. 84)	— Com que damos o nosso	{	<table style="border-collapse: collapse; margin-left: 20px;"> <tr> <td style="vertical-align: middle; padding-right: 10px;">— a Deus</td> <td style="font-size: 2em; vertical-align: middle; padding-right: 10px;">}</td> <td style="vertical-align: middle;">           — com imutação: SACRIFÍCIO (q. 85)            — sem imutação: OFERENDA e primícias (q. 86)         </td> </tr> <tr> <td style="vertical-align: middle; padding-right: 10px;">— a ministros:</td> <td style="font-size: 2em; vertical-align: middle; padding-right: 10px;">{</td> <td style="vertical-align: middle;">DÍZIMOS (q. 87)</td> </tr> </table>	— a Deus	}	— com imutação: SACRIFÍCIO (q. 85) — sem imutação: OFERENDA e primícias (q. 86)	— a ministros:	{	DÍZIMOS (q. 87)	— Com que prometemos a Deus	{	— VOTO (q. 88)	— Com que tomamos o nome de Deus	{	<table style="border-collapse: collapse; margin-left: 20px;"> <tr> <td style="vertical-align: middle; padding-right: 10px;">— em apoio</td> <td style="font-size: 2em; vertical-align: middle; padding-right: 10px;">{</td> <td style="vertical-align: middle;">           — do que dizemos: JURAMENTO (q. 89)            — do que pretendemos: IMPRECAÇÃO (q. 90)         </td> </tr> <tr> <td style="vertical-align: middle; padding-right: 10px;">em louvor:</td> <td style="font-size: 2em; vertical-align: middle; padding-right: 10px;">{</td> <td style="vertical-align: middle;">LOUVOR (q. 91)</td> </tr> </table>	— em apoio	{	— do que dizemos: JURAMENTO (q. 89) — do que pretendemos: IMPRECAÇÃO (q. 90)	em louvor:	{	LOUVOR (q. 91)
— com que nos damos a Deus	{	— quanto à vontade: DEVOÇÃO (q. 82) — quanto ao entendimento: ORAÇÃO (q. 83) — quanto ao corpo: ADORAÇÃO (q. 84)																								
— Com que damos o nosso	{	<table style="border-collapse: collapse; margin-left: 20px;"> <tr> <td style="vertical-align: middle; padding-right: 10px;">— a Deus</td> <td style="font-size: 2em; vertical-align: middle; padding-right: 10px;">}</td> <td style="vertical-align: middle;">           — com imutação: SACRIFÍCIO (q. 85)            — sem imutação: OFERENDA e primícias (q. 86)         </td> </tr> <tr> <td style="vertical-align: middle; padding-right: 10px;">— a ministros:</td> <td style="font-size: 2em; vertical-align: middle; padding-right: 10px;">{</td> <td style="vertical-align: middle;">DÍZIMOS (q. 87)</td> </tr> </table>	— a Deus	}	— com imutação: SACRIFÍCIO (q. 85) — sem imutação: OFERENDA e primícias (q. 86)	— a ministros:	{	DÍZIMOS (q. 87)																		
— a Deus	}	— com imutação: SACRIFÍCIO (q. 85) — sem imutação: OFERENDA e primícias (q. 86)																								
— a ministros:	{	DÍZIMOS (q. 87)																								
— Com que prometemos a Deus	{	— VOTO (q. 88)																								
— Com que tomamos o nome de Deus	{	<table style="border-collapse: collapse; margin-left: 20px;"> <tr> <td style="vertical-align: middle; padding-right: 10px;">— em apoio</td> <td style="font-size: 2em; vertical-align: middle; padding-right: 10px;">{</td> <td style="vertical-align: middle;">           — do que dizemos: JURAMENTO (q. 89)            — do que pretendemos: IMPRECAÇÃO (q. 90)         </td> </tr> <tr> <td style="vertical-align: middle; padding-right: 10px;">em louvor:</td> <td style="font-size: 2em; vertical-align: middle; padding-right: 10px;">{</td> <td style="vertical-align: middle;">LOUVOR (q. 91)</td> </tr> </table>	— em apoio	{	— do que dizemos: JURAMENTO (q. 89) — do que pretendemos: IMPRECAÇÃO (q. 90)	em louvor:	{	LOUVOR (q. 91)																		
— em apoio	{	— do que dizemos: JURAMENTO (q. 89) — do que pretendemos: IMPRECAÇÃO (q. 90)																								
em louvor:	{	LOUVOR (q. 91)																								
<i>Vícios opostos</i>	{	— ocultos, ou por excesso: SUPERSTIÇÃO (q. 92) — manifestos, ou por defeito: IRRELIGIOSIDADE (q. 93)																								

<sup>30</sup> Propie autem honor exhibetur toti rei subsistenti... Causa autem honoris est id ex quo ille qui honoratur habet aliquam excellentiam; nam honor est reverentia alicui exhibita propter sui excellentiam (3, q. 25, a. 1; cfr. 2-2, q. 103, a. 1).

<sup>31</sup> Quia specialis honor debetur Deo, tanquam primo omnium principio, etiam speciales ratio cultus ei debetur (2-2, q. 81, a. 1 ad 4).



Por seu lado o culto absoluto<sup>32</sup> aos santos não é objecto da Religião uma vez que se tributa em razão da sua excelência pessoal criada e finita, mas sim objecto da virtude da Observância que regula as relações a respeito dos superiores a quem se deve Honra e Veneração ou culto<sup>33</sup>. Entre as espécies da Observância regista-se a *Dulia* e como forma singular desta a *Hiperdulia*<sup>34</sup>.

Acontece, contudo, que — sem pertencer directamente à virtude da Religião — o culto que se tributa a Maria se encerra de certo modo dentro do seu âmbito. Com efeito Maria encontra-se implicada nos três actos fundamentais da virtude da Religião.

a) *Devoção*. Embora a bondade de Deus seja maior que a das suas obras, a nós atraí-nos mais a bondade das obras sensíveis que da Causa Suprema insensível. Entre estes efeitos sensíveis destaca-se a Humanidade de Cristo e tudo o que se relaciona com ela, principalmente a Santíssima Virgem; pois tudo isso nos conduz a uma atitude devota<sup>35</sup>.

b) *Oração*. Pode pedir-se a alguém de dois modos: ou para que nos conceda algo ou para que no-lo consiga de outro. Mas segundo a ordem estabelecida por Deus nas coisas, os mais afastados devem chegar a Ele por intermédio dos mais próximos. A Lei divina exige de nós que, enquanto vivemos no corpo, permanecemos afastados de Deus, que vamos a Ele com o auxílio dos santos, especialmente com a ajuda de Santa Maria<sup>36</sup>.

c) *Adoração*. A latria só se deve a Deus. A Mãe de Deus é pura criatura. Deve-se-lhe portanto só veneração ou culto de *dulia*, mas mais eminente que às outras criaturas, por ser a Mãe de Deus. E por isso se afirma que a Ela se lhe deve não qualquer classe de *dulia*, mas a *hiperdulia*<sup>37</sup>.

---

<sup>32</sup> Distingue-se o culto absoluto — que se dá à pessoa em atenção à sua excelência intrínseca — e o relativo, que se dá à pessoa ou coisa em atenção à pessoa (física ou moral) com a qual está relacionada.

<sup>33</sup> A *Honra* deve-se aos superiores pelo que são. O *culto* ou veneração deve-se-lhes pelo seu uso actual de poder. «Cultus, qui in quodam obsequio consistit dum scilicet aliquis eorum obedit imperio et vicem beneficiis eorum pro suo modo rependit» (2-2, q. 102 a. 2).

<sup>34</sup> «(Dulia) est quaedam observantiae species. Quia per observantiam honoramus quascumque personas dignitate praecellentes: per duliam autem proprie sumptam servi suos dominos venerantur» (2-2, q. 103 a. 3). «Hyperdulia est potissima species duliae communiter sumptae» (2-2, q. 103, a. 4 ad 2).

<sup>35</sup> «Inter quae praecipuum est humanitas Christi: secundum quod in Praefatione (Nativitatis) dicitur: 'ut dum visibiliter Deum cognoscimus, per hunc in invisibilium amorem rapiamur'. Et ideo ea quae pertinent ad Christi humanitatem, per modum cuiusdam manuductionis, maxime devotionem excitant: cum tamen devotio principaliter ea quae sunt divinitati consistat» (2-2, q. 82, a. 3 ad 2).

<sup>36</sup> Cfr. 2-2, q. 83, a. e Suplem. q. 72, a. 2.

<sup>37</sup> «Mater Dei est pura creatura. Non ergo ei debetur adoratio latriae. Quia latria

Após precisar metodologicamente o lugar que ocupa o culto à Santíssima Virgem na doutrina de S. Tomás, contemplamos a sua atitude perante a saudação angélica. S. Tomás considera este facto a dois níveis, e em duas ocasiões. A nível sistemático na 3.ª parte da Suma, 9.30, dedicando toda a questão à anunciação da Virgem; a nível popular num sermão quaresmal.

As ideias que desenvolve na Suma encontram-se presididas pela regra suprema da «ordo». Esta ordem é o que explica a necessidade da anunciação, já que a mente de Maria devia ser informada antes que a sua carne concebesse<sup>38</sup>; o que explica que a anunciação se fizesse mediante um anjo, já que as coisas divinas se comunicam normalmente aos homens por meio dos anjos<sup>39</sup>; esta ordem reflecte-se no próprio processo da anunciação. Com efeito, a anunciação verificou-se ordenadamente já que o anjo pôs os meios adequados aos fins que pretendia<sup>40</sup>. Na verdade, o anjo pretendia: a) *chamar a atenção sobre o mistério*, e para isso saúda Maria de forma nova e desacostumada antecipando a *idoneidade* da Virgem para a concepção ao chamar-lhe «cheia de graça» e predizendo a *honra* que com isto conseguiria, ao dizer «bendita és tu entre as mulheres»; b) *instrui-la sobre o mistério*, e para isso predisse a sua concepção, a dignidade da prole e o modo da concepção; c) *induzir ao consentimento de Maria*, e para isso alega o exemplo de Isabel e a onipotência divina.

A exposição a nível popular teve lugar na Igreja de S. Domingos de Nápoles, durante a quaresma de 1273 e conserva-se numas notas recolhidas por um ouvinte qualificado, de cuja fidelidade hoje não se pode duvidar<sup>41</sup>. O opús-

---

solī Deo debetur, non debetur creaturae prout creaturam secundum se veneramur. Licet autem creaturae insensibilis non sint capaces venerationis secundum se ipsas, creatura tamen rationalis est capax venerationis secundum se ipsam. Et ideo nulli purae creaturae rationali debetur cultus latriae, sed solum veneratio duliae: eminentius tamen quam ceteris creaturis, in quantum ipsa est mater Dei. Et ideo dicitur quod debetur ei, non qualiscumque dulia, sed hyperdulia» (3 q. 25. a. 5).

<sup>38</sup> Cfr. 3 q. 30, a. 1.

<sup>39</sup> Cfr. 3 q. 30, a. 2.

<sup>40</sup> Cfr. 3 q. 30, a. 4.

<sup>41</sup> *Opusc. 8. Devot. expos. super Salut. ang.*: Opera omnia (Romae 1570) t. 17, fol. 75 ss. Edic. castelhana: *Santo Tomás de Aquino, Escritos de Catequesis*, Rialph—Patmos 155, Madrid 1975, pp. 171-187. As dúvidas sobre a autenticidade deste escrito prevaleceram no século passado e começos do presente devido à sua não inclusão nos catálogos de obras do Aquinatense. Um novo motivo aparente surgiu pelo ano de 1931 ao descobrirem-se uma dúzia de manuscritos relativamente tardios, nos quais se interpolaram frases de intenção imaculista e portanto alheias ao pensamento do Angélico. Pode-se reter como certo que o escrito não é de S. Tomás, mas de um ouvinte. Mas a sua fidelidade ao pensamento do santo de Aquino confirma-se pela sintonia com as ideias expostas na 3.ª parte da Suma e pelo estilo terno e devoto para com Maria.

culo põe de manifesto que S. Tomás tratou de parafrasear a forma nova e desacostumada da saudação do Anjo a Maria (cfr. letra a). Pode afirmar-se que esta pequena obra se reduz a cantar as excelências supra angélicas de Maria, tanto em si como no seu fruto bendito. É uma tentativa formal para explicar que a saudação angélica é um caso de exercício por parte do anjo da virtude da Observância para com Maria, superior ao anjo em toda a linha; e mais concretamente um acto de dulia.

Eis em grandes traços o ensino desta peça. A maior dignidade de Maria em relação ao anjo pelo que a Ela diz respeito determina-se pela sua *plenitude de graça* (gratia plena) na alma — tanto para obrar bem como para evitar o mal —, no corpo, e na sua projecção a todos os homens intercedendo para que evitem o perigo e para que obtenham a virtude; também pela sua *interioridade com Deus* (Dominus tecum), o maior título de glória mariano, dada a vinculação que entranha com cada uma das Pessoas Divinas; finalmente pela sua *pureza e fulgor* (benedicta) ao carecer tanto de culpa como das penas que lhe teriam correspondido tanto na qualidade de mulher (conceber com deterioração, gerar com incómodos e dar à luz com dor) como na sua condição humana (voltar ao pó da terra). No que diz respeito ao fruto das suas entranhas, a excelência de Maria estriba na sua oposição a Eva. Esta pretendeu tornar-se semelhante a Deus, conseguir leite na fruta e encontrar encanto para a sua vista, não só sem resultado mas também ficando defraudada e defraudando a quem seguisse igual caminho. Maria, por seu lado dá-nos como fruto a Jesus, que nos torna semelhantes a Deus; que é leite para o gosto e encanto para a vista. Eva defrauda o pecador; Maria sacia o justo. O fruto de Maria merece ser louvado pelos anjos e pelos homens pela plenitude de graça que se derrama em nós.

Como se pode observar, embora logicamente a saudação angélica se enquadre claramente no culto genérico de «hiperdulia», são vários os aspectos assinalados por S. Tomás no seu comentário que se prestam a matização. Arranca-se de uma atitude de veneração, com base nas excelências de Maria, que se traduz antes de mais no culto de louvor, mas que também implica a gratidão, a invocação, a imitação e em certo modo a escravidão<sup>42</sup>.

---

<sup>42</sup> Não queremos deixar de mencionar alguma passagem relacionada com o nosso tema tirada de santa Catarina de Sena (1347-1380). Ela tem ricas expressões acerca da Virgem na *Elevação XV* (Na festa da Anunciação) Cfr. Angel MORTA, *Obras de Santa Catalina de Siena*, BAC 143, Madrid 1955). É significativo que, aproveitando a celebração litúrgica, a santa componha uma tão bela oração de confiança na Virgem pedindo pela Igreja, por entender que a festa da Anunciação «é o dia das graças» e saber que à santíssima Virgem «nada se há-de negar» por ser terra que germinou o Salvador (*o.c.*, p. 603) É notável também que no fim da sua oração irrompa neste louvor tomando-o da

## 2. S. Boaventura (1221-1274)

Dos Irmãos Menores foi S. Boaventura quem fez uma paráfrase à saudação angélica<sup>43</sup>. Antes de estudar esta paráfrase consignemos a doutrina do Doutor Seráfico acerca do culto. Ao contrário de S. Tomás, o santo franciscano não esquematiza tanto os conceitos e desenvolve as implicações vitais do culto se ele for verdadeiro e perfeito. O culto verdadeiro e perfeito implica uma clara profissão de fé no Deus Uno e Trino, Creador e remunerador<sup>44</sup> e deve estar como que aglutinado pela Caridade que leva a uma adoração amorosa de Deus<sup>45</sup>; que se exprime tanto no louvor como no sacrifício<sup>46</sup>. Quanto à Santíssima Virgem, que é a que realiza em plenitude e perfeição este culto ao Senhor e restitui a honra

---

boca do anjo: «Oh Maria! *Bendita sejas entre todas as mulheres por todos os séculos...*» (ibid.).

<sup>43</sup> Antes de S. Boaventura ensinou na universidade de Paris *Alexandre de Hales* (1231-1241) cuja *Summa Theologica*, embora trate de vários pontos mariológicos (cfr. Liber III, tractatus secundus: De conceptione et nativitate, Quaestio II, De sanctitate conceptionis), não considera o nosso tema. Tem algumas singularidades à volta do culto na *glossa in Sententiarum lib. III, Dist. IX*: «Est ergo latria cultus Deo debitus; dulia vero est cultus creaturae debitus et creaturae exhibitus» ...«duliae, qui debetur simplici creaturae, hyperduliae, quae debetur... et Mariae». Resulta sumamente interessante comprovar como Alexandre de Hales assinala o momento da anunciação, e mais concretamente a expressão angélica «gratia plena», como ponto divisório da missão mais ou menos plena do Espírito Santo: «Item, quaeritur an plenius an aequè missus est (Spiritus Sanctus) ante incarnationem et post... Responde: ante incarnationem et post mittebatur, sed plenius post, quia sicut plenior gratia et plenior cognitio, et sic missio, ratione effectus in creatura. Unde et beata Virgo dicitur *gratia plena* quoad iustificationem a culpa et a poena» (o.c. Lib. I, Dist. XV, 21).

<sup>44</sup> «Ad perfectam igitur dei culturam necessario est sentire et credere, ipsum esse principium aeternaliter principians principiantem, ut sic fiat manifestatio aeternarum pullulationum; necessarium est etiam credere ipsum esse principium creativum et restaurativum, ut sic fiat manifestatio temporalium pullulationum; et qui in aliquo horum deficit non est perfectus Dei cultor». Cfr. *Quaestiones disputate de Mystero Trinitatis* I, a. 2 (VARIOS, *Obras de S. Buenaventura* V, BAC 36, 2.ª ed. Madrid 1965, p. 139-140. «Unde nullus perfecte laudat divinam unitatem, nisi pariter sibi tribuat trinitatem; nec aliquis perfecte colit unum Deum, nisi fideliter profiteatur ipsum esse trinum». Cfr. o.c. II, a. 2: edic. BAC 36, p. 167.

<sup>45</sup> «Non sufficit autem verus cultus, nisi sit perfectus nexus, quia caritas docet Deum colere et amare; et hoc est, quando anima infima contemnit, summa appetit, in medio dilatatur, ita quod in supremo habet sublimationem, in imo sequestrationem, in medio dilatationem; et hoc est sempiternae beatitudinis appetitus praecipuus, supernae dilectionis affectus dilatatus, mundanae prosperitatis vel possessionis contemptus perfectivus»: *Collationes ad Hexaemeron* 23, 19: *Obras de San Buenaventura* III BAC 19, Madrid 1974, p. 648.

<sup>46</sup> «Cultus autem Dei consistit in laude et sacrificio»: o.c. 5, 15: BAC 19, p. 285.

que se lhe tinha subtraído (Et beata Virgo est venerativa et restaurativa honoris Deo subtracti)<sup>47</sup>, merece por este título ser objecto do louvor (Ergo laudabitur)<sup>48</sup>. Mas em concreto a atitude de veneração do povo cristão em relação a Maria fica enquadrada na virtude da piedade; reguladora das relações familiares, precisamente porque Ela é a Mãe da Igreja. Mas advertimos que S. Boaventura contempla essas relações desde o ângulo de Maria que actua sempre com piedade misericordiosa a respeito do povo cristão<sup>49</sup>, sobre o qual exerce um particular patrocínio<sup>50</sup>.

Dos discursos de conteúdo mariano, consideramos concretamente os que se encontram em V e VI lugar sob o título genérico *De annuntiatione Beatae Virginis Mariae*, por ser estas peças uma espécie de comentários à saudação angélica. A exposição é metódica como a que fez S. Tomás, mas a perspectiva é distinta. S. Boaventura interpreta ou considera a saudação do anjo a Maria como se se tratasse de uma peça oratória com exórdio, narração e conclusão: «Possunt autem in verbo proposito tria notari, quae perfectam reddunt orationem; ipse enim Archangelus Gabriel tanquam bonus orator praemittit primo salutationem Virginis ad modum exordii, cum dicit. Ave gratia plena; secundo, subdit annuntiationem conceptus virginalis ad modum narrationis, cum addit: Dominus tecum; tertio, subinfert benedictionem laudis ad modum conclusionis, cum subiungit: benedicta tu in mulieribus»<sup>51</sup>.

---

<sup>47</sup> Cfr. *Collationes 6 de donis Spir. S.*, 16-17: *Obras de san Buenaventura V*, BAC 36, Madrid 1963, p. 455.

<sup>48</sup> Cfr. *Ibid.*

<sup>49</sup> «Audimus aliquid de pietate eius. Haec est spes nostra, quae persolvit pretium istud, ut pia pietate venerationis divinae:... et tertio, pietatis miserationis ad mundum, et praecipue ad populum christianum» (*Ibid.*). «Tertio persolvit beata virgo pretium illud sicut mulier fortis et pia pietate miserationis ad mundum, et specialiter ad populum Christianum... Et potest intelligi hic, quod populus christianus de utero Virginis gloriosae sit productus; quod significatur nobis per mulierem de latere viri formatam, quae significat Ecclesiam... sicut homo formatus est de terra virginiae, sic Christus de Virgine gloriosa. Et sicut de latere Adae dormientis formata est mulier, ita Ecclesia de Christo in cruce pendente. Et sicut de Adam et Eva formatus est Abel et successores sui, sic de Christo et Ecclesia totus populus christianus. Et sicut Eva mater est Abel et omnium nostrum, ita populus christianus habet matrem Virginem» (*Collationes 6 de donis Spir. S.* 20, o.c., V, p. 457).

<sup>50</sup> «Tertio debet habere patrociniū beatae Mariae Virginis qui vult gustare huius mellis dulcedinem in Sacramento alteris absconditum... Ille ergo (i.e. Iesse) in manibus tenet virgam qui in omni operatione sua habet beatae Virginis memoriam, cuius extensione mel attingitur, quia non nisi patrociniū beatae Mariae Virginis ad virtutem huius Sacramenti (i.e. Eucharistiae) pervenitur...»: *Sermo de Smo. Corp. Christi* 20; *Obras de san Buenaventura II*, BAC 9, Madrid 1967, p. 634.

<sup>51</sup> O.c. IV, p. 648-649.

Quanto ao exórdio (Avé Maria, cheia de graça) o autor assinala em Maria uma graça septiforme: 1) a graça santificante «ad purgamentum foeditatis culpae, a quo fuit prorsus purgata per gratiam»<sup>52</sup>. A graça fortificante «ad fulcimentum infirmitatis poenae, ne unquam posset superari in tentatione»<sup>53</sup>. 3) A graça consumante «ad supplementum defectibilitatis naturae, ut nulla remaneret in ea vacuitas indigentiae»<sup>54</sup>. 4) A graça decorante «ad ornamentum honestatis vitae, ut nihil appareat in ea reprehensibile»<sup>55</sup>. 5) A graça desposante «ad contubernium familiaritatis divinae, per quam assumeretur in vinculum indissolubilis copulae»<sup>56</sup>. 6) A graça fecundante «ad conceptum integritatis virgineae, ut conciperet sine omni corruptione»<sup>57</sup>. A graça redundante «ad profectum salutis humanae, ut nemo sit, qui se abscondat a calore eius»<sup>58</sup>. S. Boaventura toma o material provatório de cada uma destas especificações do Livro dos Provérbios e do Cântico dos Cânticos no que se refere à S. Escritura, e de Santo Agostinho, S. Jerónimo, Santo Anselmo e S. Bernardo como autoridades.

Ora bem — observa S. Boaventura — a graça da Virgem pode comunicar-se a todos quanto à impetração (quantum ad gratiae impetrationem), mas não de modo infuso (non tamen per infusionem)<sup>59</sup>. Além disso, embora a graça de Maria se traduza em graças sempre suficientes, para que venham a constituir-se em eficazes requerem-se disposições por parte do sujeito (licet in omnes redundet quantum ad sufficientiam, non tamen in omnes quantum ad efficaciam, sed solum in eos qui se reddunt idoneos ad suscipiendum)<sup>60</sup>.

Estas disposições são também sete, segundo S. Boaventura: 1) Rectidão de consciência «in declinandis, quoniam lux gratiae oritur solis rectis corde»<sup>61</sup>; 2) a confiança certa «in expectandis, quoniam illis solis divina misericordia impertitur et gratia»<sup>62</sup>; 3) a amplidão da benevolência «in communicandis, pro

<sup>52</sup> O.c. IV, p. 649; contudo, pelo texto não se vê claramente que seja imaculista, sobretudo pela citação que aduz da Carta de S. Bernardo aos Cónegos de Lion.

<sup>53</sup> O.c. IV, p. 650. Embora cite S. Bernardo cita igualmente a Santo Agostinho na passagem *De natura et gratia* à qual se recorre em apoio da Imaculada: «cum de peccatis agitur, de sola Matre Domini nullo modo haberi volo mentionem».

<sup>54</sup> O.c., IV, p. 651.

<sup>55</sup> O.c., IV, p. 652.

<sup>56</sup> O.c., IV, p. 653.

<sup>57</sup> O.c., IV, p. 654.

<sup>58</sup> O.c., IV, p. 654.

<sup>59</sup> O.c., IV, p. 655.

<sup>60</sup> O.c., IV, p. 655.

<sup>61</sup> O.c., IV, p. 656.

<sup>62</sup> O.c., IV, p. 657.

eo quod in malevolam animam non introibit sapientia nec gratia»<sup>63</sup>; 4) o cuidado providente «in eligendis; nemini enim datur donum gratiae nisi iis qui ambulant per viam prudentiae et disciplinae»<sup>64</sup>; 5) o travão da modéstia «in utendis, nam illis solis datur gratia qui restringunt concupiscentiam»<sup>65</sup>; 6) a prontidão da obediência «in exsecuendis; ubi enim regnat inobedientia, non potest esse gratia»<sup>66</sup>; 7) a mansidão da paciência «in sustinendis, sine qua gratia non potest haberi nec conservari»<sup>67</sup>. Também nesta enumeração a técnica argumentativa se apoia em textos escriturísticos de base mais ampla (isto é, uso de mais livros tanto do A. como do N. T.) e no que se refere a autores cristãos só aduz S. Bernardo em três ocasiões. Deduz-se de tudo isto que a acção mediadora de Maria e a sua distribuição de graças, embora sempre envolvida e a impulsos da sua misericórdia, não se poderá nunca interpretar como favorecedora de condutas meramente ritualistas e de moral inconsequente, mas como estímulo e exigência de uma séria e tenaz luta ascética, expressa nessa septenária atitude positiva por parte de quem deseja receber de modo eficaz as graças marianas.

No que se refere à saudação de Santa Isabel, o santo comentarista interpreta-o como uma expressão da excelência da Virgem e considera dita excelência sob dois aspectos: em ordem à Santíssima Virgem e em ordem ao Filho concebido. Em si mesma Maria foi bendita com benção divina e humana: «prima benedictio fuit gratuita, secunda debita; in prima consistit perfectae sanctitatis principium, in secunda perfectae sanctitatis praeconium. Benedicta igitur fuit Virgo Maria benedictione *divina*; et haec quidem in ipsa fuit perfecta, tum quia praecipua, propter doni praecellentiam; tum quia plenaria, propter doni abundantiam; tum quia perpetua, propter doni permanentiam»<sup>68</sup>.

Quanto à benção humana foi «in summae sanctitatis praeconium «...propter decus integritatis, propter munus fecunditatis et propter opus virilitatis...» «ter... benedicta, scilicet ab Archangelo Gabriele, a sancta Elisabeth et a beato Simeone... Sic enim decebat, ut Angelus benediceret virginitati; Elisabeth praegnans, fecunditati; Simeon, vir iustus, benediceret virilitat»<sup>69</sup>.

Seguidamente distingue três graus em cada uma destas causas de benção humana em Maria. A *integridade* admite um primeiro grau na continência conjugal, um segundo, na continência da viuvez, o terceiro na continência virginal.

<sup>63</sup> O.c., IV, p. 657.

<sup>64</sup> O.c., IV, p. 659.

<sup>65</sup> O.c., IV, p. 660.

<sup>66</sup> O.c., IV, p. 662.

<sup>67</sup> O.c., IV, p. 663.

<sup>68</sup> O.c., IV, p. 664.

A *fecundidade* tem também três graus, conforme se considere em si mesma, ou além disso ajudada pela graça ou por último a fecundidade da graça que obra sobre a natureza (*supra naturam*). Finalmente são três os graus reconhecíveis no espírito de *virilidade*: vencer o inimigo que foge, vencer o inimigo que invade e vencer o inimigo que domina<sup>70</sup>. A linha de pensamento que resumidamente traçamos é desenvolvida por S. Boaventura mediante o recurso a textos escriturísticos usados mais ou menos acomodaticamente. A intenção de apresentar a exemplaridade de Maria implicada nas suas excelências fica suficientemente clara quando lemos: «Qui ergo ad exemplum virginis non vult *viriliter* agere et pugnare, necesse habet maledictionem incurrere»<sup>71</sup>. Não cremos que ninguém — à vista do «*viriliter*» sublinhado — se atreva a intitular o culto de imitação da Senhora ensinado por S. Boaventura como piedade de sensibilidade feminina.

Em ordem ao Filho concebido Maria é bendita por ser Cristo acumulação e fonte de todas as bençãos (*omnium benedictionum collatio... omnium benedictionum effusio*)<sup>72</sup>. Acumulação de bençãos pelas suas três prerrogativas de graça: a da sua pessoa singular, a graça de união com a qual foi abençoado com benção geral conatural e a graça de cabeça pela qual foi abençoado com benção universal. Profusão das suas bençãos também por tríplice via: observância da lei divina, insistente oração a Deus e frequente louvor divino<sup>73</sup>. S. Boaventura aproveita este momento da sua exposição para nos oferecer uma síntese ou excursão de alta mística associando as três vias à catalogação última (*primum perfectionem activae, postremum perfectionem contemplativae, medium vero dispositionem respectu utriusque*)<sup>74</sup>. Observa-se aqui como as bençãos que recaem sobre Maria em razão do Filho conduzem desde o fundamental e primário cumprimento do dever até às mais altas cotas do louvor divino com a ajuda contínua da oração (*per custodiam divinae legis, per instantiae divinae precis et per frequentiam divinae laudis*)<sup>75</sup>.

<sup>69</sup> *O.c.*, IV, p. 667.

<sup>70</sup> *O.c.*, IV, pp. 667-671.

<sup>71</sup> *O.c.*, IV, p. 671.

<sup>72</sup> *O.c.*, IV, p. 672.

<sup>73</sup> *O.c.*, IV, p. 674.

<sup>74</sup> *O.c.*, IV, p. 674 ss.

<sup>75</sup> *O.c.*, IV, p. 674.



### O Catecismo de S. Pio V

Esta obra, fruto pastoral do Concílio de Trento, apresenta a doutrina do Magistério da Igreja e a sua elaboração teológica atém-se ao ensino de autores comprovados. Em relação ao tema do nosso trabalho, o Catecismo contempla na sua Terceira Parte o culto que na Igreja se tributa aos Anjos e aos Santos, fazendo fincapé na sua perfeita harmonização com o culto devido a Deus: «Non adversatur huic praecepto cultus (está a referir-se ao culto a Deus), qui ex recepto Ecclesiae usu Sanctis tribuitur... accurate dicendum est: *veneratione et invocatione sanctorum Angelorum*, ac beatarum animarum, quae coelesti gloria perfruuntur aut etiam corporum ipsorum sanctorumque cinerum cultum, quem semper catholica Ecclesia adhibuit, *huic legi non repugnari*» dando em seguida a razão da sua liceidade que se estriba na diferença que existe entre o culto a Deus e o culto legítimo a qualquer outra criatura: «non eam tamen illis (refere-se aqui aos anjos) *venerationem adhibent quam Deo tribuunt*», sem que obste para isso a doutrina acerca de Cristo como mediador<sup>76</sup>.

Este último elemento, isto é a mediação de Cristo, que mal interpretado pelos protestantes poderia representar um obstáculo a qualquer classe de culto é — a nosso juízo — a chave para entender a razão pela qual o Catecismo não contempla de modo particular o culto peculiar que na Igreja se tributa a Maria. Se o culto a qualquer santo não é obstáculo à mediação de Cristo, a fortiori não o será o culto a Maria. A lógica desta conclusão vem sancionada precisamente pela consideração que o Catecismo faz com motivo da oração da Avé Maria na Igreja.

O Catecismo trata o tema dentro da Quarta Parte dedicada à Oração dominical. Explica ali os frutos da oração<sup>77</sup> e as suas partes principais, isto é a

<sup>76</sup> Os textos poderiam multiplicar-se. Em relação aos *Anjos*: «Quomodo sanctos angelos *colere* liceat... (III, 2, 7); «invocandos esse sanctos angelos ex Scripturis probatur» (III, 2, 8). Em relação aos *Santos*: «sanctorum *invocatione* et reliquiarum *venerationem* nihil honori Dei detrahitur» (III, 2, 9); «illis singularem honorum habeant homines... colendi et invocandi sunt» (III, 2, 10); «Non supervacaneum esse sanctorum patrocinium... non inopia et imbecillitate fidei fit, ut sanctos inter nuntios et patronos adhibeamus» (III, 2, 11); «Doctrina de uno mediatore Christo non tollit sanctorum *invocationem*» (III, 2, 12).

<sup>77</sup> Eis os diferentes frutos da oração que assinala o catecismo: 1) «Primus autem fructus quem inde (i.e. ex oratione) capimus, est is, quod orantes Deo honorem habemus; siquidem est quoddam Religionis argumentum oratio, quae in divinis Litteris thymiamati comparatur» (IV, 2,1); 2) «Sequitur fructus amplissimus... orationis... nam 'ascendit... precatio, et descendit Dei miseratio' (Santo Agostinho)» (IV, 2,2); 3) Accedit eo etiam ille fructus, quod orando animi virtutes et exercemus et augemus, maxime vero fidem» (IV, 2,6); 4) Praeclarum praeterea illum orationis fructum consequimur, quod... patitur Deus se nostris cogitationibus concipi, ut... accipiamus innocentiae voluntatem...» (IV, 2, 10); 5) Postremo... irae divinae resistit oratio...» (IV. 2, 11).

Postulatio e a Gratiarum actio, «a quibus, tanquam a capite, manant reliquae»<sup>78</sup>. Ao desenvolver a gratiarum actio volta ao tema do culto dos santos, assinalando que a sua prática é precisamente o melhor exercício da acção de graças a Deus, pois que neles se manifesta o triunfo pleno de Deus<sup>79</sup>.

É aqui onde se insinua o culto singular a Maria e em concreto se ressaltam os valores culturais da AVE MARIA: «Inter eas gratulationes, quae sanctorum causa Deo exhibentur, quatenus in Ecclesia primas partes obtineant. Huc pertinet prima illa pars Angelicae Salutationis, cum ea ad precandum utimur *Ave, Maria, gratia plena, Dominus tecum, benedicta tu in mulieribus*. Nam Deum summis et habendis laudibus et gratiis agendis celebramus, quod sanctissimam Virginem omni coelestium donorum munere cumulavit; ipsique Virgini singularem illam gratulamur felicitatem. Iure autem sancta Dei Ecclesia huic gratiarum actioni preces etiam et implorationem sanctissimae Dei Matris adjunxit; qua pie atque suppliciter ad eam confugeremur, ut nobis peccatoribus sua intercessione conciliaret Deum, bonaque tum ad hanc, tum ad aeternam vitam necessaria impetraret. Ergo nos exules filii Evae, qui hanc lacrymarum vallem incolimus, assidue misericordiae Matrem et fidelis populi advocatam invocare debemus, ut oret pro nobis peccatoribus; ab eaque hac prece opem et auxilium implorare, cuius et praestantissima merita apud Deum esse, et summam voluntatem iuvandi humanum genus, nemo nisi impie et nefarie dubitare potest»<sup>80</sup>.

Este compendioso e bellissimo texto distingue claramente as duas partes de que consta a oração da AVE MARIA. A saudação angélica e a petição «Santa Maria», que não se explicita, mas se insinua suficientemente. Quanto à saudação angélica, que se usa aqui em sentido restritivo (omite a saudação de Isabel), convém notar que se designa como uma oração usual (precandum utimur) de culto de latria (nam Deum... celebramus) para o máximo louvor (summis et habendis laudibus) e para a mais perfeita acção de graças (summis... et gratiis agendis), pondo-se a razão desta supremacia no facto da plenitude de dons divinos em Maria (quod sanctissimam Virginem omni coelestium donorum

<sup>78</sup> Cfr. IV, 3,2: «Nam ad Deum accedimus, ut cultum ei ac venerationem adhibentes, vel ipsi de beneficiis, quibus assidue ab iues benignitate ornatur et augemur, gratias agamus». A «postulatio» por parte dos que oram admite graus (IV, 3, 4-7) e por parte do objecto que se postula (IV, 4, 2-5).

<sup>79</sup> Cfr. IV, 5,7: «In altera autem parte orationis maximas Deo gratias agimus pro divinis eius immortalibusque beneficiis, quibus et semper affecit et quotidie afficit humanum genus. Maxime autem fungimur hoc munere gratiarum actionis, sanctorum omnium causa, quod in officio singulares Deo laudes tribuimus et eorum victoriae et triumpho, quem de omnibus et intimis et externis hostibus eius benignitate reportarunt».

<sup>80</sup> IV, 5, 8.

munere cumulavit). É paralelamente culto de congratulação à própria pessoa de Maria (ipsique Virgini singularem illam gratulamur felicitatem), culto que pela ênfase do contexto e por alguma das suas expressões (singularem) se perfila com caracteres de singularidade.

A segunda parte desta oração mariana, isto é a petição «*Santa Maria...*» atribui-se claramente à Igreja (sancta Dei Ecclesia... adiunxit), qualifica-se como oração de petição (preces et implorationem) dirigida à Virgem pela sua condição de Mãe de Deus (sanctissimae Dei Matris), cujo objecto primário é a nossa reconciliação com Deus (ut nobis peccatoribus sua intercessione conciliaret Deum) e além disso a intercessão de Maria a favor das nossas necessidades espirituais e materiais (bonaque tum ad hanc tum ad alteram vitam necessaria impetraret). Não se recolhe, contudo o texto desta oração. Destaca-se, no entanto, a legitimidade (iure) da adição desta segunda parte da oração mariana: quem dispôs a Deus com o melhor louvor e a melhor acção de graças não deve perder a oportunidade de apresentar a Deus a melhor intercessora e a melhor petição.

Conclui este breve excurso com uma exortação a todos os fiéis recordando a necessidade moral (debemus) de acudir à intercessão singular de Maria. Esta exortação evoca por sua vez outra oração mariana popular, a SALVE REGINA (exules filii Evae — hanc lacrymarum valle — misericordiae Matrem — advocatam) e apoia o culto mariano de petição especialmente na maternidade espiritual da Virgem (misericordiae Matrem). A unção especialmente meritória de Maria com a divindade (praestantissima merita apud Deum) e o seu afã insaciável de ajudar o género humano (summam voluntatem invandi humanum genus), eis a razão para implorar confiados a sua protecção e auxílio. Quem puser isto em dúvida peca contra a piedade e contra a própria justiça (nemo nisi impie et nefarie dubitare potest).

J. IBÁÑEZ — F. MENDOZA